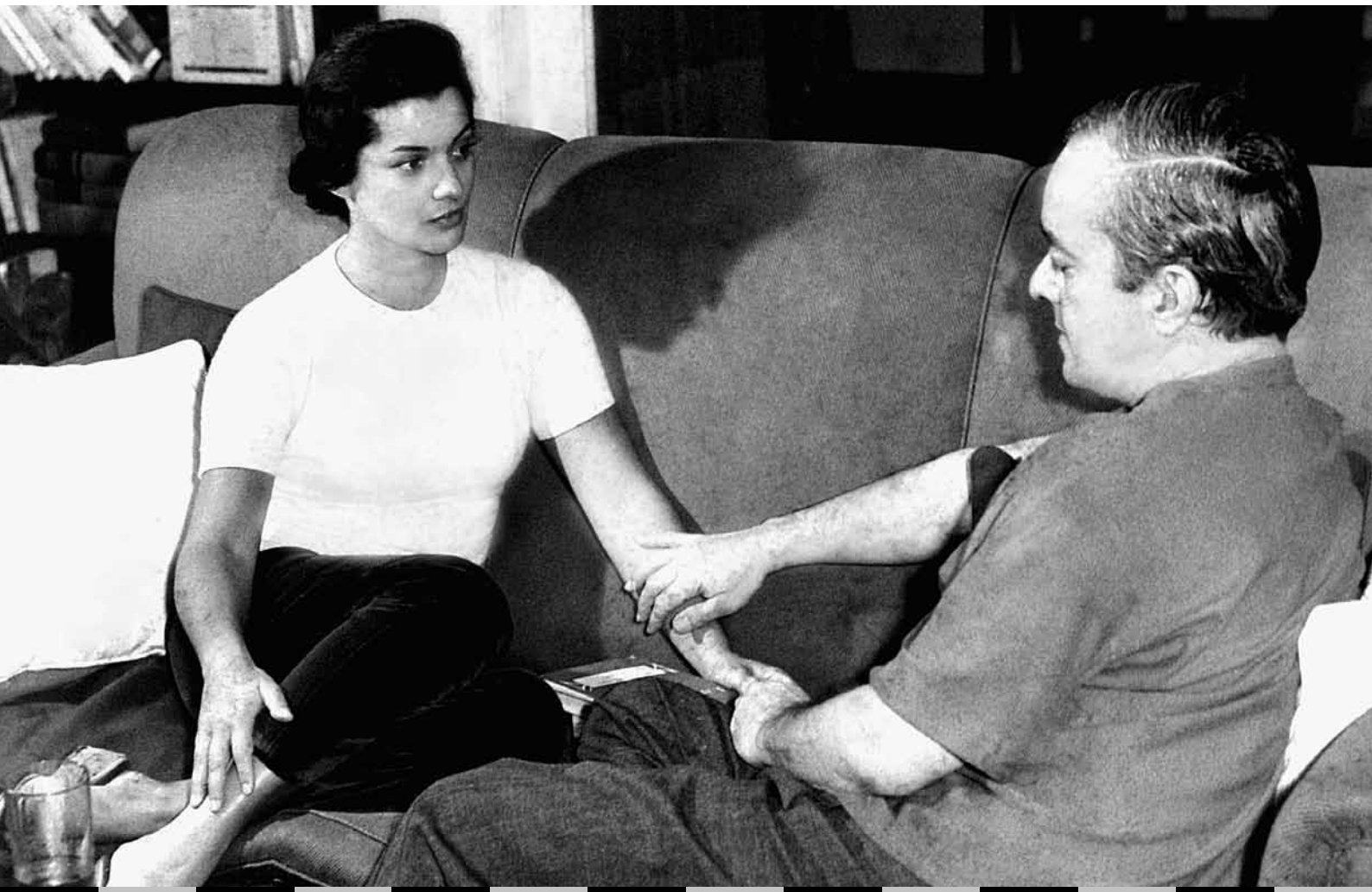
O AMOR NA POESIA DE VINICIUS DE MORAES

NOEMI JAFFE

Com sua mulher, Lúcia Proença (déc. 60).



Como diz Sócrates, o amor é filho de Pênia, a pobreza, e Poros, o esperto. O amor é, por um lado, "pobre, rude e sujo como sua mãe, vivendo a mendigar de porta em porta", e, por outro, é "astuto e trama estratagemas e maquinações". Se pensarmos no amor como uma tensão entre essas duas forças, Vinicius de Moraes ficaria sempre do lado de Pênia. O amor expresso em seus poemas é incondicionalmente humilde, declarado e franco, seja como philia — amor fraterno e universal —, como eros — amor erótico, amor carnal, amor do amor — ou como ágape — amor a Deus. Sem estratégias nem manipulações. O amor em Vinicius não é político; é "fraco, fraco", como o de Manuel Bandeira, triste e alegre, intenso e até passageiro. Jamais desconfiado.

Em um dos textos que acompanham a reedição do livro *Poema, sonetos e baladas*, o crítico Sergio Milliet diz que, com Vinicius, estamos "sempre à beira do abismo". É desta forma que se coloca o amor em sua poesia: a ponto de autoconsumar-se de tanta intensidade; quase nunca em estado de calmaria e jamais em estado de apatia.

Três de suas canções mais populares — "Chega de saudade", "Eu sei que vou te amar" e "Garota de Ipanema" — contêm alguns dos mais importantes tratamentos que o poeta deu às formas de amar. O amor melancólico; o amor simbiótico; a adoração; o amor de passagem, efêmero; e o amor sensual.

"Chega de saudade" começa:

Vai, minha tristeza
E diz a ela que sem ela não pode ser
Diz-lhe numa prece
Que ela regresse
Porque eu não posso mais sofrer

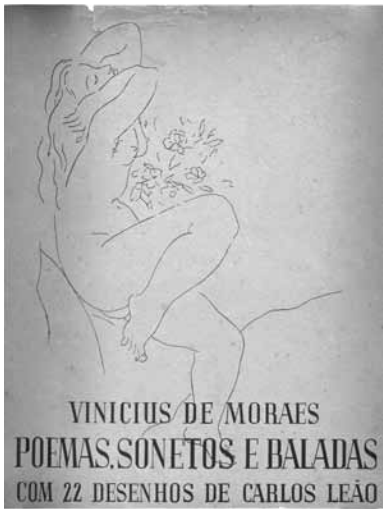
Chega de saudade
A realidade é que sem ela
Não há paz, não há beleza
É só tristeza e a melancolia
Que não sai de mim
Não sai de mim
Não sai

O poeta, aqui como cancionista, pede à tristeza, que é dele ("minha tristeza"), que vá pedir à amada o seu regresso, caso contrário tudo se torna sofrimento e melancolia.

Entretanto, antes de se tornar um dos compositores mais reconhecidos da música popular brasileira, Vinicius de Moraes foi também um dos maiores poetas modernistas, como se sabe, e, em inúmeros poemas seus, a melancolia não era somente produto da separação e anseio pelo retorno, mas parte constituinte do próprio amor, que parece não poder sequer existir sem ela.

EROS, PHILIA E ÁGAPE

Dentre as várias teorias que já foram escritas sobre o amor, algumas atravessaram milênios e se mantêm vivas até hoje. A mais conhecida, certamente, é a visão platônica do amor, especialmente aquela descrita no livro *O banquete*. É eros, o amor ascencional, na direção da Ideia, mas que passa necessariamente pelo contato carnal, justamente para poder excedê-lo. Pode-se dizer que eros se expressa como desejo, mas com a finalidade de contemplar o conhecimento. Philia é o amor fraterno, companheiro, em que duas pessoas anseiam por uma mesma finalidade. No caso do pensamento grego, o bem. A philia envolve admiração e respeito. Já ágape é o amor desinteressado, incondicional, o amor pela humanidade e pela vida. Não à toa, o cristianismo se apropriou dessa ideia do amor e definiu-o como o amor de Cristo pelos homens. Enquanto eros é ascencional e se dirige à Ideia ou, se quisermos, também a Deus, Ágape se encaminha no sentido contrário: seria o amor de Deus pelas criaturas. Em Vinicius de Moraes comparecem essas três formas do amor.



Capa da primeira edição de *Poemas, sonetos e baladas* (1946), com desenho de Carlos Leão.

AMOR, MELANCOLIA E MORTE

No poema "Ausência", lemos:

Quero só que surjas em mim como a fé nos desesperados […]
Eu deixarei… tu irás e encostarás tua face em outra face
Teus dedos enlaçarão outros dedos […]
Mas eu te possuirei mais que ninguém porque poderei partir

E em outro poema, bem posterior, "Dialética":

É claro que a vida é boa
E a alegria, a única indizível emoção
É claro que te acho linda
Em ti bendigo o amor das coisas simples
É claro que te amo
E tenho tudo para ser feliz
Mas acontece que eu sou triste…

Intensificando a dor de amar, vemos em dois de seus sonetos mais conhecidos, "Soneto de Carnaval" e "Soneto de separação":

Distante o meu amor, se me afigura
O amor como um patético tormento
Pensar nele é morrer de desventura
Não pensar é matar meu pensamento.

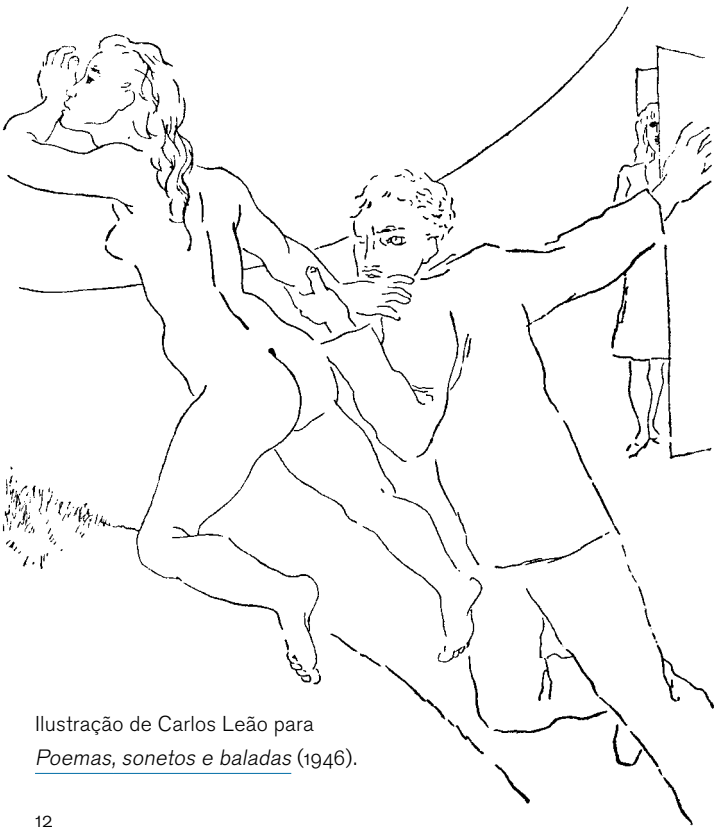


Ilustração de Carlos Leão para *Poemas, sonetos e baladas* (1946).

SONETO

A palavra soneto vem do italiano e significa "pequeno som" ou "canção". É uma forma poética clássica e fixa, com catorze versos dispostos em dois quartetos e dois tercetos, possivelmente estabelecida pelo poeta italiano Francesco Petrarca, no século XIII. O soneto pode ser composto em doze sílabas métricas, formando um alexandrino, ou em número menor. Para garantir a forma fixa, há um esquema de rimas previsto nas sílabas finais de cada verso: *abba/ abba/ cdc/ dcd*. Há outros esquemas que também são utilizados, e modernamente costuma não haver exigência nenhuma quanto às rimas.

Sá de Miranda foi quem trouxe o soneto para a língua portuguesa, e Camões é considerado um dos maiores sonetistas de nossa língua. Muitos veem o soneto como uma forma perfeita para a construção do pensamento lógico-dialético, pois vários deles são formados por uma espécie de apresentação ou exórdio, desenvolvimento por antítese e uma conclusão, ou arremate sintético. Entretanto, o soneto, em sua perfeição

E também:

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

[...]

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente.

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

O amor e sua rima mais conhecida e banalizada, a dor, sempre caminharam juntos. Uma das razões que explicam justamente a força de combustão da paixão é o fato de sabermos que ela será consumida. Mas há muitas outras razões para compreender a teimosia dessa difícil parelha, e várias são as maneiras como esses dois sentimentos se fizeram acompanhar ao longo da história da literatura. O "mal do século", alcunha do Romantismo da segunda geração, não era só a tuberculose. A doença era ingrediente e resultado de vidas dedicadas à dor de amar e, pode-se dizer sem medo de exagerar, devotadas até a morte em nome do amor. O processo de idealização, intrínseco e necessário a toda a poesia romântica, só pode se manter à distância. A realização do amor implica realidade e dessacralização. Para se sustentar a aura de idealização — muitas vezes mais importante do que o próprio amor —, é preciso que haja partidas, adversidades e descontrole.

Vinicius de Moraes era um poeta moderno e romântico; um romântico moderno ou vice-versa. Os dois sonetos aqui lembrados, além de vários outros, poderiam facilmente pertencer à época do Romantismo. O que distingue Vinicius como um poeta propriamente modernista, embora o sentimento ainda seja completamente romântico, é a convivência desses sonetos com poemas como os dois primeiros e com diversos outros, em que encontramos recursos tais como o verso livre, a oralidade, coloquialismos, ironias e simplicidade extrema, como é o caso, por exemplo, de "Dialética". A amada está longe; o amor acaba repentinamente; o eu poético é irremediavelmente triste, o que freia a fluência do amor; sempre haverá outros homens e outras mulheres ameaçando a fidelidade, além do pior dos inimigos, o tédio; amar dói, não amar dói ainda mais. Amar é necessariamente sofrer, mas o sofrimento enobrece o amante. Porque o poeta romântico não ama somente a mulher a quem destina os poemas; ama também o próprio amor e, não se pode esquecer, ama ainda a si mesmo como amante que sofre.

rítmica, também serviu a diversos outros propósitos que não exclusivamente clássicos, como os maneirismos barrocos e do rococó, a idealização romântica e, mais recentemente, foi utilizado pelos modernos com grande quantidade de variações. No Brasil, o soneto foi introduzido pelos poetas barrocos, cultuado pelos parnasianos e outros, a exemplo de Augusto dos Anjos. Nossos grandes poetas modernos, como Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Mario Quintana escreveram sonetos.

No Brasil, Vinicius de Moraes é certamente o maior sonetista da modernidade, tendo criado alguns antológicos, como o "Soneto da fidelidade", o "Soneto da separação" ou o "Soneto de quarta-feira de cinzas". A forma do soneto é de fácil memorização, e sua distribuição geométrica e visual também explica sua popularidade. O escritor Otto Lara Rezende dizia que "o soneto é o cartão de identidade de um poeta", embora reconhecendo a dificuldade que ele oferece a quem quiser se dedicar a escrevê-lo bem. Outro cronista, Paulo Mendes Campos, fala que o soneto é "um desafio e uma brincadeira". Desafio pelo convite a reformar uma fórmula esgotada e sempre inesgotável, e brincadeira que, como todo ato lúdico, só dá prazer dentro de um número de regras, nessa inebriante conciliação da liberdade com a disciplina.

Em outro soneto belíssimo, também dentre os mais conhecidos do poeta, encontramos:

[…] *Louco amor meu, que, quando toca, fere*
E quando fere, vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

Diferentemente dos poetas da época romântica, de cuja poesia podemos interpretar o amor como um exercício narcísico e autossuficiente, em que o amor ama a si próprio, na poesia modernista esse gesto, pela voz de Vinicius, é consciente. O amor é confessamente estranho, louco e delirante, porque está enamorado da aventura de amar mais do que pelo objeto do sentimento. E assim, mesmo sofrendo e sabendo que sofre, o poeta prefere continuar amando, pois ama a si próprio em sua sofreguidão e sofrimento.

AMOR, SIMBIOSE E ADORAÇÃO

Em outra de suas canções mais populares, "Eu sei que vou te amar", Vinicius de Moraes explora a ideia da mulher como objeto de adoração, outra noção marcadamente romântica, mas novamente tratada pelo poeta em dicção ora romântica, ora simbolista, ora modernista.

Eu sei que vou te amar
Por toda a minha vida eu vou te amar
A cada despedida eu vou te amar
Desesperadamente
Eu sei que vou te amar
E cada verso meu
Será pra te dizer
Que eu sei que vou te amar […]
Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver
À espera de viver ao lado teu
Por toda a minha vida.

O termo "simbiose" vem do grego e significa "morar junto". Na biologia, a ideia é aplicada aos seres que alteram sua aparência para se fundir e se disfarçar em outro objeto, numa associação mutuamente benéfica. Na psicologia, o desejo amoroso de um indivíduo de fundir-se ao objeto amado também é considerado simbiótico. O Romantismo, em seu exercício permanente de idealização da mulher, adora-a e de-

clara o desejo de fundir-se a ela eternamente, o que, mais uma vez, só faz aguçar seu sofrimento.

São inúmeros os poemas de Vinicius em que aparecem a adoração e o desejo simbiótico:

"Soneto da quarta-feira de cinzas"

Por seres quem me foste, grave e pura […]
Porque te vi nascer de mim sozinha […]

"Soneto da hora final"

Ao transpor as fronteiras do Segredo
Eu, calmo, te direi: — Não tenhas medo
E tu, tranquila, me dirás: — Sê forte.

E como dois antigos namorados
Noturnamente tristes e enlaçados
Nós entraremos nos jardins da morte.

"A brusca poesia da mulher amada (II)":

A mulher amada carrega o cetro, o seu fastígio
É máximo. A mulher amada é aquela que aponta para a noite
E de cujo seio surge a aurora. A mulher amada
É quem traça a curva do horizonte e dá linha ao movimento dos astros. […]
A mulher amada é o tempo passado no tempo futuro
No sem tempo. […]
A mulher amada é a mulher amada é a mulher amada é a mulher amada. […]
É ela a coluna, o gral, a fé, o símbolo, implícita
Na criação. […]
Poder geral, completo, absoluto à mulher amada!

Novamente, como visto no tópico anterior, também alguns dentre estes versos e, no caso do segundo exemplo, o soneto completo poderiam pertencer a outra época. Vinicius de Moraes, como grande poeta e como herdeiro que era do primeiro Modernismo, soube muito bem se apropriar dos recursos e humores românticos, simbolistas e até das cantigas medievais para reutilizá-los modernamente. Se não cabia mais ao Modernismo a adoração desproporcional e hiperbólica da mulher amada, fazê-lo como fez Vinicius não representa uma volta ao passado ou uma inclinação para a pieguice. O uso que o poeta faz dessa emoção perigosa (porque tão antiga e explorada) que é a paixão exacerbada é tão refinado, particular e diferenciado que ele consegue transformá-la em algo novo. Falar dessa maneira da mulher amada em pleno Modernismo, afinal, o que é senão um recurso inesperado? No terceiro exemplo lemos a insistente repetição da expressão "a mulher

amada" e, em um dos versos do poema, "a mulher amada é a mulher amada é a mulher amada". Aqui a referência ao conhecido verso de Gertrude Stein, "uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa", fica clara. Trata-se de uma repetição que intenciona chegar à essência mesma do objeto de que fala: é como se a mulher amada não tivesse nem necessitasse de atributos. Ela é a coisa em si e não há como explicá-la. É a coincidência entre a "coisidade" do significado e do significante: nada mais moderno.

No primeiro exemplo, "Soneto da quarta-feira de cinzas", o poeta diz "por seres quem me foste". Pode-se entender a frase tanto "por seres quem foste para mim" como também "por seres quem eu fui". Em ambos os casos ocorre um processo simbiótico. Ao contrário de diversos outros poetas modernistas, mais cautelosos, desconfiados ou enxutos, como Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral de Melo Neto, Vinicius escancara a adoração, imerge a si mesmo no amor e na amada, mas permanece moderno. Em sua consciência, em seu refinamento, em seu ecletismo, em sua desorganização organizada de dicções.

AMOR, FUGACIDADE E EROTISMO

Outro aspecto contundente da expressão amorosa em Vinicius de Moraes é a contemplação e fruição do amor fugaz, da mulher que passa e que, também nesse caso, se torna inatingível. Entretanto, sua inacessibilidade não causa dor, mas um vago sentimento nostálgico e prazeroso. Estamos aqui muito mais próximos do século xx do que no caso do amor de adoração ou do amor dolente. Estamos próximos da passante de Baudelaire.

"A UMA PASSANTE" – CHARLES BAUDELAIRE
(in *Algumas flores de Flores do mal*.
Tradução de Guilherme de Almeida.
Ediouro, São Paulo, 1997).

A rua, em torno, era ensurdecedora vaia.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão vaidosa
Erguendo e balançando a barra alva da saia;

Pernas de estátua, era fidalga, ágil e fina.
Eu bebia, como um basbaque extravagante,
No tempestuoso céu do seu olhar distante,
A doçura que encanta e o prazer que assassina.

Brilho… e a noite depois!—Fugitiva beldade
De um olhar que me fez nascer segunda vez,
Não mais te hei de rever senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois não sabes de mim, não sei que fim levaste,
Tu que eu teria amado, ó tu que o adivinhaste!

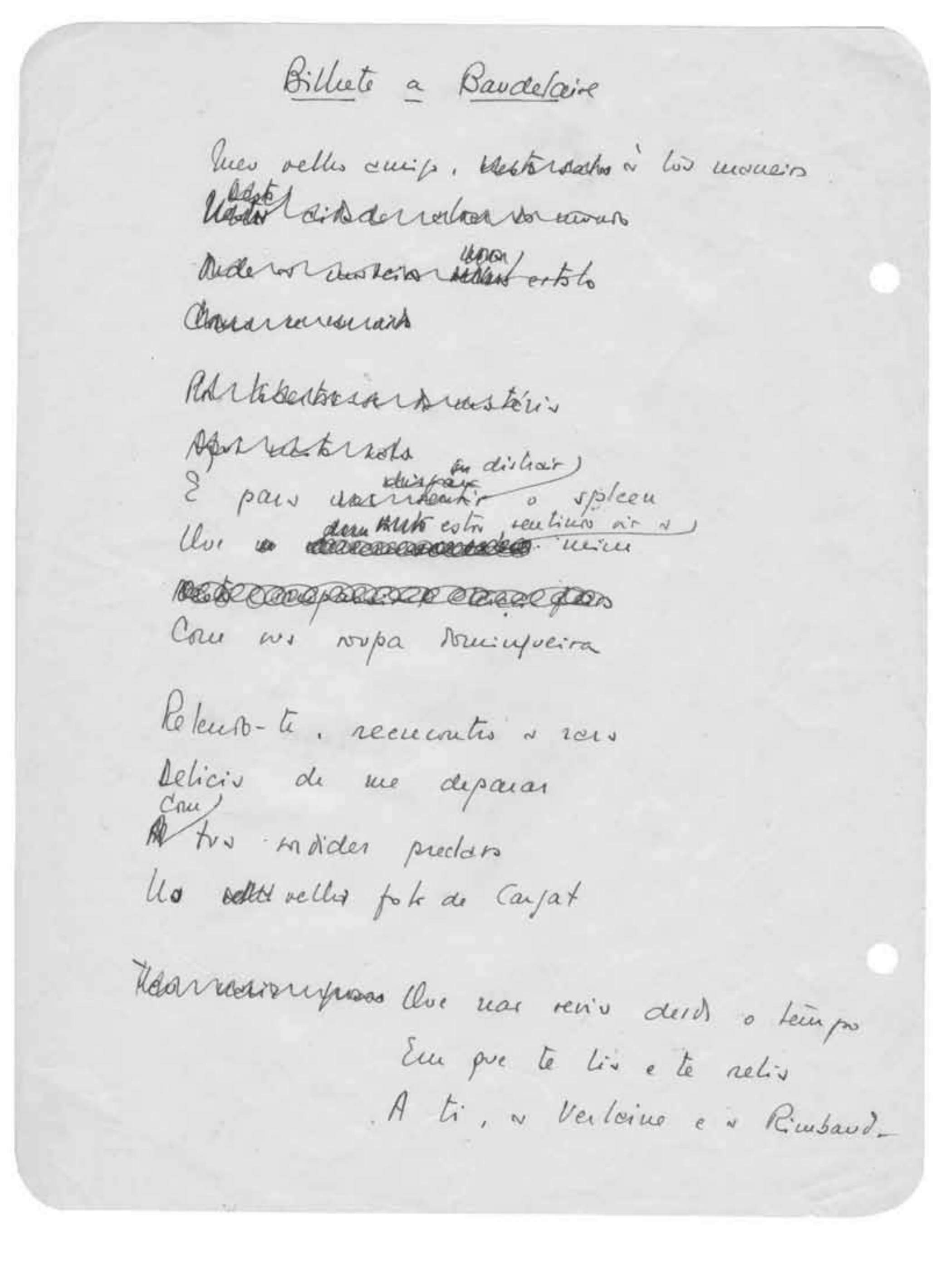
Novamente, talvez a canção mais conhecida de Vinicius possa nos servir de apoio:

Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela menina
Que vem e que passa
Num doce balanço
A caminho do mar […]

Ah! por que estou tão sozinho?
Ah! por que tudo é tão triste?
Ah! a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também passa sozinha […]

No poema de Baudelaire, considerado por muitos como um dos textos inaugurais do Modernismo, o poeta lança o elogio da mulher que passa e que, por isso, o fascina. É no seio da cidade, na multidão, na pressa, que pode surgir essa mulher que apaixona justamente porque não será mais vista, que se fixa na memória com força, pois é a lembrança de apenas um instante, e não da duração. É impossível não lembrar aqui, também, de outro dos mais lindos versos de Vinicius, embora em um contexto diferente: “Que não seja imortal, posto que é chama/ mas que seja infinito enquanto dure”.

Manuscrito do poema “Bilhete a Baudelaire”.



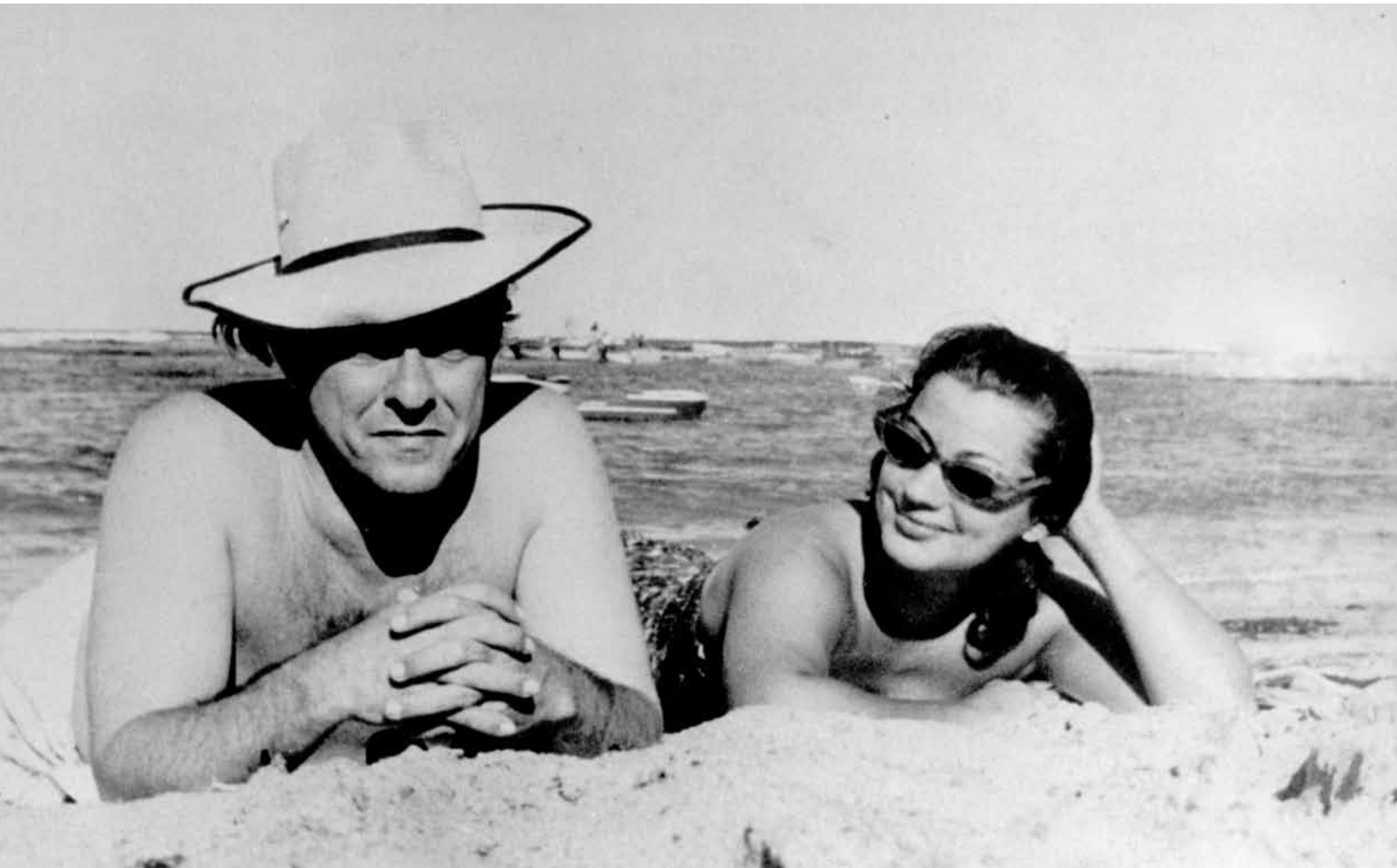
No poema “Balada das meninas de bicicleta”, diz o poeta:

Meninas de bicicleta
Que fagueiras pedalais
Quero ser vosso poeta!
Ó transitórias estátuas […]
No vosso rastro persiste
O mesmo eterno poeta
Um poeta — essa coisa triste
Escravizada à beleza
Que em vosso rastro persiste,
Levando a sua tristeza
No quadro da bicicleta.

E, em “A mulher que passa”:

Meu Deus, eu quero a mulher que passa. […]
Como te adoro, mulher que passas
Que vens e passas, que me sacias
Dentro das noites, dentro dos dias!
Por que me faltas, se te procuro?
Por que me odeias quando te juro
Que te perdia se me encontravas
E me encontrava se te perdia?

Com Lúcia Proença.



Em um ensaio sobre a poesia de Vinicius, José Miguel Wisnik diz que a "Balada das meninas de bicicleta" representa uma "garota de Ipanema *avant la lettre* […] augurando a bossa nova, a pílula, a revolução sexual, o topless em seu momento de primeira anunciação". E que, mesmo assim, "o futuro poeta da famosa 'Garota' já faz aqui o seu proverbial lamento melancólico ante a beleza que passa". Ao contrário da mulher romântica, em grande parte espiritualizada e que habita mais na eternidade do que no tempo, a mulher passante é física, e sua corporeidade ganha força justamente em sua fugacidade. É sua beleza e sua graça que retêm o olhar do poeta; ela faz parte integrante do universo urbano e instável e é por causa dele, inclusive, que é bela. Sua mundanidade lhe confere independência e isso certamente atrai o poeta. Não é mais a mulher a quem ele se funde, mas a mulher que pertence ao outro, ao mundo.

A mulher passageira, em sua beleza, convive muito bem com um aspecto da poesia de Vinicius que espreita sua dicção desde os poemas mais românticos e até nos religiosos: o amor sensual, francamente carnal.

Na "Balada da praia do Vidigal", descreve-se uma noite de amor em que se confundem a praia e o corpo da mulher:

[…] *Minhas mãos te confundiam*
Com a fria areia molhada
Vencendo as mãos dos alísios
Nas ondas da tua saia.
Meus olhos baços de brumas
Junto aos teus olhos de alga
Viam-te envolta de espumas
Como a menina afogada.
E que doçura entregar-me
Àquela mole de peixes
Cegando-te o olhar vazio
Com meu cardume de beijos!

E, em "Receita de mulher", um desafio amoroso a todos os feminismos:

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. […]
Ah, deixai-me dizer-vos
Que é preciso que a mulher que ali está como a corola ante o pássaro
Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que lembre um templo e
Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem
Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. […]

O autor, na época da publicação de sua primeira antologia de poemas, editada em 1954 e organizada por ele próprio, dividia sua poesia em duas fases claramente distintas: uma primeira, de caráter idealista e místico, e a segunda, em que procurava ao mesmo tempo se distanciar da transcendência e se aproximar do mundo. Os organizadores da *Nova*

antologia poética, Eucanaã Ferraz e Antonio Cicero, publicada pela Companhia das Letras em 2003, explicam que as escolhas que um poeta faz de seus poemas não são necessariamente intocáveis e que, com leituras diversas, se permitiram suprimir alguns poemas daquela antologia original e acrescentar outros que não constavam ali. Da mesma maneira, também se pode dizer que, embora haja uma diferenciação clara entre esses dois períodos da poesia viniciana, já é possível vislumbrar, mesmo na primeira fase, aproximações lentas à sensualidade. E na segunda, da mesma forma, ainda se percebem traços idealizantes. Por essa razão, não se pode ler o poema "Receita de mulher" como um libelo machista ou uma forma de tratar a mulher como mero objeto. É preciso ler este poema como um hino gracioso à beleza; uma beleza poética, que pode, inclusive, contemplar a feiura, desde que feminina e particular.

Indo mais longe no domínio da sensualidade, Vinicius também soube romper tabus, porque ele, assim como seus amigos Manuel Bandeira e Rubem Braga, encontrou e mostrou a beleza e a solidão de mulheres que não são adoradas nem passantes, mas prostitutas. Antonio Candido, em um dos textos incluídos na nova edição de *Poemas, sonetos e baladas*, diz que o poema "Balada do Mangue"

> corresponde a um traço peculiar da obra de Vinicius: construir a expressão violenta a partir de uma serenidade debaixo da qual podem crepitar a dor e a indignação. Aqui, a tragédia da prostituição é exposta com tonalidades que começam aparentemente brandas […] e vão crescendo de intensidade até terminarem numa rajada de revolta que sugere a destruição […] da sociedade que reduz a mulher a mercadoria cedida a preço vil.

[…] *Ah, jovens putas das tardes*
O que vos aconteceu
Para assim envenenardes
O pólen que Deus vos deu?
No entanto crispais sorrisos
Em vossas jaulas acesas
Mostrando o rubro das presas
Falando coisas do amor […]

Neste poema, para além da representação sensual das prostitutas, o poeta lhes dedica um amor que excede o desejo e se estende no sentido da compaixão e da piedade. Trata-se do amor pelo humano, em sua condição inevitavelmente solitária, amor que comparece em diversos outros poemas, como "Elegia desesperada", "Balada das arquivistas", "A bomba atômica" e "Rosa de Hiroxima". É um amor não mais erótico, mas fraterno e extensivo, próprio de alguém que, como Vinicius, amou descaradamente, de todas as formas possíveis, e que contribuiu como poucos para transformar o medo que a literatura modernista tem desse sentimento.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Balada do Mangue

Pobres flores gonocócicas
Que à noite despetalais
As vossas pétalas tóxicas!
[illegible] ~~[illegible]~~ Tristes ~~[illegible]~~ de vós,
~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~, pensas, murchas

~~[illegible] [illegible] Enquanto em~~
[illegible] ~~[illegible] Enquanto~~
[illegible] ~~outras~~ ~~orquídeas / [illegible]~~ ~~Diminuídas~~ de amor
~~Uma, a Lalis tenebrosa~~
~~Outra, a Lenis~~ tricolor

QUERIDO POETA: CORRESPONDÊNCIA DE VINICIUS DE MORAES — Ruy Castro. Companhia das Letras. Vinicius de Moraes, além de excelente poeta, cronista e letrista, foi também um escritor de cartas deliciosas. Reúnem-se aqui cartas e bilhetes escritos ou recebidos pelo autor. Trata-se de uma ótima maneira de complementar as leituras dos poemas.

LIVRO DE LETRAS — Companhia das Letras. Da mesma maneira como é interessante ler as cartas de Vinicius, mais importante é ler e estudar as letras de suas canções, que o tornaram ainda mais reconhecido e em função das quais o poeta chegou até a sofrer preconceitos por parte da elite acadêmica.

CONTOS NORTE-AMERICANOS: OS CLÁSSICOS — Organização de Orígenes Lessa e Vinicius de Moraes. Ediouro. Aqui, Vinicius de Moraes não é mais escritor ou letrista, e sim leitor, e é interessante verificar quais eram suas leituras, seus autores prediletos da literatura norte-americana e como eles podem ter influenciado sua produção.

ITINERÁRIO DE PASÁRGADA — Manuel Bandeira. Nova Fronteira. Contemporâneo de Vinicius, seu amigo e leitor crítico; e sua poesia tem muitas afinidades com a do "poetinha", na simplicidade, na humildade e no coloquialismo. Neste livro, o poeta conta a trajetória de sua vida poética, permitindo ao professor estabelecer relações e distinções entre as duas poéticas.

SAMBA FALADO — Vinicius de Moraes. Azougue Editorial. Reunião de crônicas e ensaios sobre samba e bossa nova escritos pelo autor entre as décadas de 50 e 70.

1. Da mesma maneira como se procurou estabelecer relações entre as canções "Chega de saudade", "Garota de Ipanema" e "Eu sei que vou te amar" e alguns poemas de Vinicius, peça aos alunos que façam uma pesquisa sobre outras letras de canções de Vinicius e as relacionem, por afinidade ou oposição, com outros poemas, não trabalhados na seleção acima.

2. Como exposto anteriormente, Vinicius de Moraes deu um tratamento bastante romântico ao sentimento amoroso, mesmo pertencendo ao período modernista da literatura brasileira. Peça aos alunos que pesquisem como o amor foi expresso de formas diferentes em outros poetas de épocas próximas, como Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto ou até mesmo os poetas da poesia concreta.

Exemplo: compare o tratamento dado ao tema e à linguagem amorosa no poema "Quadrilha", de Carlos Drummond de Andrade, e no "Soneto de separação", de Vinicius de Moraes. Quais são as diferenças? Há alguma semelhança?

"Quadrilha"
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili,
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

"Soneto de separação"
VINICIUS DE MORAES

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

3. Trabalhe com os alunos os diferentes tratamentos que foram dados ao soneto durante o Modernismo e a poesia contemporânea. Depois, peça a eles que também construam seu soneto particular. Você pode utilizar alguns dos exemplos seguintes:

– "Soneto da perdida esperança", de Carlos Drummond de Andrade
– "Soneto do dia 15", de Murilo Mendes
– "Soneterapia I e II", de Augusto de Campos
– "Hino patriótico ao prisioneiro político", de Glauco Mattoso

Verifique com os alunos os recursos de ironia à estrutura fixa do soneto; o uso desta forma para críticas políticas e não só para a expressão amorosa; a supressão da rima e da métrica e o humor.

Peça que a classe eleja alguns temas para a elaboração de um soneto particular. Se quiserem, os alunos poderão trabalhar em duplas para escrever um soneto sobre o tema escolhido pela classe.

4. Em conjunto com o professor de artes e o professor de história, faça uma pesquisa sobre os retratos que Lasar Segall e Di Cavalcanti pintaram das prostitutas da região do mangue e sobre o poema "O santeiro do mangue", de Oswald de Andrade, mesmo local que serviu de inspiração para a "Balada do Mangue", de Vinicius de Moraes. Algumas perguntas que você pode fazer aos alunos são: por que o poema de Vinicius fala de "polacas"? O que são "as jaulas acesas"? Quais as semelhanças e as diferenças do tratamento dado às prostitutas em Segall, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade e Vinicius de Moraes? O que mudou e o que permaneceu na situação das prostitutas do mangue em relação à das prostitutas atuais?

5. Com seus alunos, leia os seguintes sonetos de amor pertencentes à época do Romantismo e do Simbolismo, e compare-os com poemas de amor de Vinicius de Moraes, estabelecendo diferenças e semelhanças. Preste atenção aos aspectos semânticos, sintáticos, sonoros, à forma como o amor é concebido e procure discutir, com os alunos, por que alguns poemas de Vinicius, embora tão semelhantes em vários aspectos, ainda são chamados de modernistas. A única característica que os diferencia é a época?

"Sombra — último fantasma"
CASTRO ALVES

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada…
Sobre as névoas te liberas vaporoso…

Baixas do céu num voo harmonioso!…
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte, ó ser misterioso!…

Onde nos vimos nós? És doutra esfera?
És o ser que eu busquei do sul ao norte…
Por quem meu peito em sonhos desespera?

Quem és tu? Quem és tu?—És minha sorte!
És talvez o ideal que est'alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!

"Ossa mea"

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Mãos de finada, aquelas mãos de neve,
De tons marfíneos, de ossatura rica,
Pairando no ar, num gesto brando e leve,
Que parece ordenar, mas que suplica.

Erguem-se ao longe como se as eleve
Alguém que ante os altares sacrifica:
Mãos que consagram, mãos que partem breve,
Mas cuja sombra nos meus olhos fica…

Mãos de esperança para as almas loucas,
Brumosas mãos que vêm brancas, distantes,
Fechar ao mesmo tempo tantas bocas…

Sinto-as agora, ao luar, descendo juntas,
Grandes, magoadas, pálidas, tateantes,
Cerrando os olhos das visões defuntas…